



MARGUERITE PORETE E A ESCRITA DE SI: ENTRE A LITERATURA E A FILOSOFIA

EMANUELLE VALÉRIA GOMES DE LIMA¹ E
MARIA SIMONE MARINHO NOGUEIRA²

RESUMO: O presente artigo analisa, através de uma revisão bibliográfica, o discurso da personagem Alma, que se encontra no livro de Marguerite Porete, a fim de verificar até que ponto as marcas linguísticas da memória ocupam uma concepção de escritura de si. Trata-se da obra *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Como podemos ver ao longo da história, os homens ocuparam, desde os primórdios, os ambientes institucionais, sociais, literários e filosóficos e, por isso, tentaram, por extenso período, evitar que mulheres ocupassem os mesmos espaços e cargos, sendo, portanto, negligenciadas em suas habilidades e, da mesma forma, silenciadas. Apesar disso, algumas mulheres na Idade Média transgrediram essas vontades e subverteram a ordem do mundo naquele momento. É o caso de Marguerite Porete, mulher e escritora que, desobedecendo aos ditames do campo literário/filosófico/teológico medieval, escreve para que outras mulheres possam entender outra perspectiva que não apenas a da instituição Igreja que, naquela época, muitas vezes demonstrou colocar um determinado poder acima dos preceitos divinos.

PALAVRAS-CHAVE: Marguerite Porete, Escrita de si, Literatura, Filosofia.

ABSTRACT: This article analyzes, through a bibliographic review, the discourse of the character Soul, found in the book by Marguerite Porete, in order to verify the extent to which the linguistic marks of memory occupy a conception of writing itself. The analyzed book is *The mirror of the simple souls who are annihilated and remain only in will and desire of love*. As we can see throughout history, men occupied, since the beginning, institutional, social, literary and philosophical environments and, for this reason, they tried, for an extended period, to prevent women from occupying the same spaces and positions, being, therefore, neglected in their abilities and, likewise, silenced. Despite this, some women in the Middle Ages transgressed these wills and subverted the order of the world at that time. This is the case of Marguerite Porete, a woman and writer who, disobeying the dictates of the medieval literary/philosophical/theological field, writes so that other women can understand another perspective than just that of the Church institution, which, at that time, often demonstrated putting a certain power above divine precepts.

KEYWORDS: Marguerite Porete. Self-writing. Literature. Philosophy.

¹ Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: emanuelle.limaa@hotmail.com.

² Professora do Departamento de Filosofia e Professora Colaboradora do Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Filosofia pela Universidade de Coimbra. E-mail: mar.simonem@gmail.com.

A “escrita de si” é considerada pelos historiadores como o conjunto de documentos compostos por *Cartas*, *Biografias*, *Autobiografias*, visto como fonte de análise histórica. A expressão tornou-se mais difundida com o uso feito por Foucault. Ao explicar o título *L’écriture de soi*, ele afirma que faz parte dos estudos sobre as artes de si mesmo ou sobre a estética da existência na cultura greco-romana que, depois, como se sabe, será publicado nos dois últimos volumes da sua *Histoire de la Sexualité: L’usage des plaisirs e Le souci de soi*. Em se tratando mais especificamente da literatura, como afirma Araújo (2011, p.8): “A escrita de si – termo que caracteriza a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor biográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais – se delineia como um exercício literário típico da modernidade”.

Sendo assim, não podemos deixar de perguntar se é possível falar de subjetividade na Idade Média, já que abordamos o tema da escrita de si em uma escritora medieval. Para responder afirmativamente a nossa pergunta, tomamos a título de exemplo o trabalho de Alain de Libera, um dos maiores historiadores da Filosofia Medieval. Em 2007, ele lança o primeiro livro de uma obra que ele pretende perfazer em quatro ou cinco volumes em que reflete sobre a ideia de sujeito na História da Filosofia e que tem como título geral *Archéologie du sujet*³. Até o que foi lançado, percebemos que o texto parte de autores medievais, avança para a Modernidade e a Contemporaneidade e retorna aos medievais para defender a tese de que a questão do sujeito, em suas diferentes facetas, já se encontra na Idade Média, sobretudo em Agostinho, quando o Hiponense rejeita a tese atributivista (a de um *eu* apenas como suporte de atributos, isto é, *hypokeimenon*). Com esta rejeição, ele já faz o que Heidegger diz que só encontra a partir de Descartes: o encontro do *subjectum* com o *ego* (mudança do sujeito paciente para agente) (Cf. DE LIBERA, 2007, p. 265). Não iremos aqui aprofundar essa discussão, no entanto, consideramos importante colocar essas questões porque este artigo trata da ideia da escrita de si em Marguerite Porete. No entanto, antes de nos determos mais detalhadamente nesta escritora, apresentemos um pouco da literatura de autoria feminina no medievo, posto que é neste contexto que se insere nossa pensadora.

A literatura de autoria feminina, na Idade Média, teve muitos nomes importantes. Se olharmos para as produções, sobretudo dos séculos XII ao XV, veremos que são fruto de um grupo forte de mulheres que não se calaram, enfrentaram grandes perseguições e foram mortas

³Os títulos respectivos dos volumes já lançados são: Volume I. *Naissance du sujet* (2007). Volume II. *La quête de l’identité* (2008). Volume III. *L’Acte de penser :1. La double révolution* (2014). Este último deve ter uma segunda parte com o título 2. *L’empire du sujet*.

para deixar sua palavra gravada na História, com a intenção de que outras mulheres (e homens também) pudessem ouvi-las e compreendê-las. Por tudo isso, essas escritoras devem ter seus nomes divulgados, enaltecidos e, da mesma forma, estudados no campo literário, filosófico e teológico. Escritoras como Beatriz de Nazaré, Hildegard von Bingen, Christine de Pizan, Margery Kempe, Hadewijch da Antuérpia e Marguerite Porete, essa última sendo tema desse artigo, foram de enorme contribuição para a construção de uma literatura⁴ de autoria feminina voltada à resistência aos ditames da Igreja e aos padrões da sociedade medieval.

Entretanto, não podemos deixar de considerar uma questão que pode ser colocada, qual seja, até que ponto essas escritoras falam de si ou reproduzem um discurso, já que algumas mulheres são autoras, mas não escritoras dos seus textos.⁵ Isso para não falar que alguns escritos passaram por um filtro, como é o caso da *Vita Beatrici*, de Beatriz de Nazaré, sendo difícil, em alguns casos, definir até que ponto essa escrita é pessoal e trata realmente de uma experiência individual. Por essa razão, vamos nos concentrar em *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, de Marguerite Porete, a fim de evidenciar as marcas textuais que comprovam uma experiência individual na narrativa. Para isso, nos debruçamos sobre os discursos da personagem Alma, tentando entender como a memória retoma e expressa uma escrita própria da autora que escreve.

Para tanto, voltamos nossos olhares, inicialmente, para a vida e a obra de Marguerite Porete; em seguida partimos para discussões sobre alguns aspectos que dificultaram a construção da escrita feminina desde que a mulher ousou usar sua voz para expressar alguns temas que iam de encontro ao que desejavam, na época, os homens e a Igreja; e, por fim, adentramos no tema da escrita de si para, de fato, demonstrar como Marguerite Porete utilizou-se da memória para falar de seus anseios sobre a liberdade de viver puramente o Amor de Deus.

⁴ O termo Literatura deve ser compreendido neste artigo num sentido amplo, pois as mulheres aqui referenciadas, para além de possuírem uma consciência muito grande da importância das suas escritas, possuíam uma formação letrada onde se pode perceber o cruzamento de vários campos do saber, como a literatura, a filosofia e a teologia, que lhes permitiu, também, oscilar entre o sagrado e o profano, tornando bastante tênue a fronteira entre ortodoxia e heresia.

⁵ Lembramos aqui, em primeiro lugar, das *trobairitz* que, apesar de mulheres, e de podermos perceber algumas diferenças em relação à escrita dos trovadores, têm seus textos inscritos no mesmo código cortês destes últimos. Lembramos, depois, daquelas que não escreviam os seus textos, mas ditavam para um secretário. Eram, portanto, autoras, mas não escritoras, como foi o caso de Hildegard von Bingen e de Catarina de Siena. Já Beatriz de Nazaré é o caso para pensarmos o quanto do seu texto que nos foi legado foi modificado, o *Vita Beatrici*, apesar de o capelão dizer que nada mais fez do que traduzir do neerlandês para o latim. Mais informações sobre este tema podem ser encontradas em NOGUEIRA, 2017; CIRLOT e GARÍ, 1999 e RUH, 2002.

1. Marguerite Porete e *O Espelho das almas simples*: uma escrita consciente e crítica

A carência de informações sobre Marguerite Porete restringe-nos apenas a saber, por meio dos autos de seu processo inquisitório, o seu local de nascimento e o ano de sua morte. Assim, deve ter nascido por volta de 1260, no Condado de Hainaut, entre a França e a Bélgica, e queimada na fogueira em 1310. A autora de *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*⁶ foi condenada como “herética recidiva, relapsa e impenitente”. O que se sabe além disso se constata, como já afirmamos, pelas atas do seu processo e pela abordagem do seu livro.

Apesar de a questão apresentada na introdução desse artigo apontar para uma dificuldade em diferenciar uma escrita de si e a reprodução de um discurso, nos referimos a Marguerite Porete como uma autora consciente do papel que desenvolveu e desenvolveria, a partir do momento em que decidiu colocar seus pensamentos por escrito, com o intuito de que eles se perpetuassem para as gerações vindouras. Além disso, é cabível e justo que a autora seja destacada assim devido à forte consciência que possuía de que era escritora⁷, em uma época em que as mulheres não deveriam nem falar em público⁸. Percebemos isso quando ela anuncia, no *Prólogo* de sua obra, que ela (autora) enunciará um discurso: “**Autora**: - E por isso vos diremos como Nosso Senhor não está totalmente liberado do amor, mas o Amor vem dele para nós, para que os pequenos possam entender por vosso intermédio, pois Amor pode tudo fazer sem a ninguém prejudicar” (PORETE, 2008, p. 32, grifo nosso)⁹.

Mais do que saber ler e escrever em língua vernácula, Porete carrega consigo e expõe em sua obra uma vasta gama de fundamentos não só religiosos. Por conseguinte, devido ao seu alto conhecimento sobre cultura teológica, filosófica e literária, pressupõe-se que ela pertenceu à aristocracia. Dessa forma, compreendemos que a maior parte das mulheres escritoras fez parte da nobreza, então, nota-se que elas foram instruídas, pois o acesso à cultura letrada era, de fato, muito raro. Logo, estamos tratando de uma categoria de mulheres não representativa da maioria

⁶Referenciado a partir daqui apenas como *Espelho das almas simples e aniquiladas* ou *Espelho das almas simples* ou simplesmente *Espelho*.

⁷Naturalmente que todo aquele e toda aquela que escreve tem consciência de que está escrevendo, mas em alguns ou algumas a consciência deste papel parece mais forte, como é o caso de Porete, por exemplo, que inclui, em meio às personagens do seu livro uma “autora”, chamando a atenção para a reflexão que faz da sua própria escrita e do seu papel enquanto tal.

⁸ Com raras exceções, como foi o caso, por exemplo, de Hildegard von Bingen e de Catarina de Siena.

⁹ Já no *Prólogo* assim se identifica a mística francesa quando escreve: “*Alma* (escreve o livro)” e “*Autora*”, em meio as outras personagens do seu livro. Na versão do CORPVS CHRISTIANORVM editado por Romana Guarnieri, encontra-se respectivamente “L’Ame e L’Acteur”, sem os parêntesis (“que escreve o livro”), mas com a mesma frase tanto no francês quanto no latim: “dit l’Ame qui ce livre fist escrire” e “dicit Anima quae hunc librum scribi fecit”.

do período medieval, em que saber ler e escrever, mesmo para o gênero masculino, era algo reservado a uma minoria. No entanto, o que encontramos na obra de Marguerite Porete é uma grande preocupação em escrever para que seja compreendida, pois em seu livro a autora trata os leitores como “ouvintes”¹⁰:

Alma: – Se haveis ouvido nessas palavras uma elevada matéria, **diz essa Alma aos ouvintes (sic) deste livro**, não fiquem insatisfeitos se depois falo sobre pequenas coisas, pois é necessário que o faça, se quero realizar o empreendimento de minha intenção – não em prol dos que o são (aniquilados), diz ela, mas para aqueles que ainda não o são, mas que o serão, e que mendigarão continuamente enquanto estiverem consigo mesmos (PORETE, 2008, p. 112, grifo nosso).

Assim, torna-se evidente a consciência crítica de que nem todos têm acesso à leitura. Falando de futuro, a clareza no testemunho demonstra que a obra é feita para ser lembrada. No trecho acima, ainda podemos notar que ela prega e divulga o livro, o que nos indica uma consciência de que o acesso a suas palavras deve vir também de uma pregação e da leitura em público. Nesse sentido, a autora fala para aqueles que ainda não foram aniquilados, como percebemos em outros trechos da narrativa: “Quero tecer algumas considerações para os tristes.” (PORETE, 2008, p. 203). Ou seja, ela deseja falar para quem ainda não compreendeu e, conseqüentemente, não atingiu o estado de aniquilamento que deve ser alcançado. De toda forma, podemos afirmar que o conceito de aniquilamento não aparece com clareza no *Espelho*. Apesar de não aparecer ao longo do livro poretiano definições do que seja aquele estado, todo o livro se articula do início ao fim na ideia de que as almas podem chegar a ser almas aniquiladas, isto é, almas livres de todo e qualquer intermediário que impeça a livre união do ser humano com Deus. O aniquilamento, por sua vez, pode ser lido de diferentes ângulos no texto de Marguerite Porete, desde as três mortes (do pecado, da natureza e do espírito), passando pelos setes graus ou sete estados que a alma deve percorrer, até a “depuração” da própria linguagem por meio das apófases, estando tudo isso relacionado ao mesmo processo de aniquilamento da alma (cf. NOGUEIRA, 2019, p. 98). O aniquilamento também pode ser relacionado ao ato de escrever, tanto nas escritoras medievais citadas no início deste artigo quanto em Marguerite Porete, como já explicitamos em outro estudo:

¹⁰ Numa época em que poucas pessoas sabiam ler e escrever, mesmo em língua vernácula, além dos altos custos na produção de um livro (muitos eram considerados verdadeiras obras de artes), eles (os livros) deviam ser “expostos” por aqueles que sabem ler e escrever. Talvez, por isso, em várias partes do seu texto, Marguerite Porete se refere aos seus leitores como ouvintes: “(Amor): - Agora **ouvi** e entendi bem, **ouvintes** deste livro [...]” (PORETE, 2008, p. 49 [os destaques não aparecem no texto]). Isto se repete ao longo do seu livro.

Neste aniquilamento não há intermediários, não há imagens, não há formas, não há limites, não há propriedades, elas não se pertencem. As almas aniquiladas são um com a deidade, ou melhor, elas são nada no uno. O despojamento é imagem sem imagem da alma aniquilada e isso, como um espelho, reflete-se tanto na forma quanto no conteúdo dos textos que foram analisados. Deste modo, despojar-se de tudo é como abrir um espaço vazio na alma, sem intermediários, para que Deus ali se coloque: nem mais nem menos. Neste sentido, vazio e plenitude (categorias que são comuns nos escritos de nossas pensadoras) não são contraditórios, são uma e a mesma coisa. De qualquer modo, mesmo no nada querer, no nada fazer, no nada dizer, elas dizem o indizível e o dizem, também, à maneira de um despojamento. Nelas a escrita vem em seu socorro: ao escrever elas se esvaziam e ao se esvaziarem, desnudam igualmente suas linguagens permitindo que o indizível ali faça a sua morada e, neste sentido, não só seus textos, mas também suas almas se tornam espelhos cristalinos, reflexos do divino (NOGUEIRA, 2015, p. 97).

Portanto, é perceptível como essa escrita mística visa a abandonar tudo, inclusive as virtudes do ser, para, só assim, viver a plenitude do amor com o divino, uma vez que, para escritoras como Marguerite, Deus é tudo e estamos cheios do seu amor quando nos esvaziamos por completo e não temos nada ou não pertencemos a ninguém. Por essa razão, presumimos que a escritora fez parte do movimento das beguinhas, por manter um estilo de vida beguino, estilo esse apontado por Almeida (2011) como autônomo e que demanda um pouco mais de liberdade em conhecer e pregar a palavra contida na Bíblia, como notamos abaixo:

Elas bastavam a si mesmas, suas comunidades eram autônomas e procuravam viver com um mínimo de burocracia. Discutiam entre si as Escrituras, confessavam-se umas às outras e atendiam às múltiplas necessidades sociais. Do ponto de vista da espiritualidade, aderiam ao evangelismo, perspectiva que se constituiu a partir da emergência dos movimentos mendicantes no seio da experiência religiosa cristã e implicava a vontade de conhecer textos bíblicos na sua literalidade, a liberdade de pregação, o amor à pobreza, a contestação do mundo e a valorização do estilo de vida mais que a doutrina (ALMEIDA, 2011, s/p).

Com efeito, o fascínio pelo estilo das beguinhas da época tocou Marguerite Porete, que era uma mulher de intensa vida religiosa, com uma profunda vocação para a oração, com uma grande inclinação para o desprendimento do corpo e das coisas materiais e com aptidão clara para a contemplação, como podemos ler em vários estudos sobre a mística e que inclui também o movimento das beguinhas (Cf. MCGINN, 2017; BENEITO, 2001; BURGARD e BRUNN, 2007, para ficarmos com alguns). Consideramos, portanto, a obra de Marguerite como um tratado místico, uma vez que a mística feminina medieval¹¹ é fortemente marcada pela relação

¹¹ A mística, por si só, já passa por algumas dificuldades para ser aceita nas academias devido a sua *atopia* (veja-se sobre isso MICHELAZZO, 2012). Quando se trata, então, de mística feminina medieval, a dificuldade aumenta porque é necessário desconstruir, no mínimo, três preconceitos: a mística como um saber destituído de lógica; o feminino como destituído de razão; e a Idade Média como destituída de luz (e tudo o que isto pode representar). Sendo assim, com base em vários estudos, dentre eles (alguns já citados) TROCH, 2013; RUH, 2002; BENEITO, 2001; CIRLOT e GARI, 1999; ÉPINEY-BURGARD e BRUNN, 2007, podemos dizer que a mística feminina medieval pode ser definida por um movimento feito por mulheres que buscavam o divino a partir da união das instâncias afetivas e intelectivas, às vezes acompanhado de visões (como em Hildegard von Bingen e Hadewijch

humano-divino, levando em conta mais a liberdade crítica frente às representações, do que a submissão de uma fé obediente às definições do magistério. Sendo assim, sua escrita trata, sem dúvida, de uma liberdade centrada na subjetividade e esta subjetividade está relacionada com a paixão, também, que Marguerite tem pelo divino e pelo outro.

Dito isso, *O espelho das almas simples e aniquiladas* trata da experiência pessoal, imediata e direta com o divino, contendo referências teológicas, filosóficas e literárias que têm relação direta com a experiência do Amor em sua forma mais intensa, através dos diálogos alegóricos que representam a alma humana e Deus. A obra de Marguerite gira em torno de várias figuras alegóricas, todas femininas, exceto pelo personagem masculino *LoinPrés*, que permanece mudo durante todo o texto. O termo Espelho, por sua vez, refere-se, inicialmente, ao ato de espelhar-se e tomar como exemplo o grande e, ao mesmo tempo, singelo Amor a Deus e é por essa razão que o livro de Porete é considerado uma obra didática em seus preceitos, que visa a, além de relatar uma experiência e um desejo de liberdade, pregar um modo mais intenso de amar o divino, servindo como guia para quem quer seguir tal caminho.

Podemos constatar que essa obra é fruto de uma experiência mística pessoal de Porete, através da personagem Alma, quando já no *Prólogo* observamos que ela é tida como a “que escreve o livro”:

Alma (que escreve o livro): – Sobre isso, de maneira semelhante e verdadeira, vos digo: ouvi falar de um rei de grande poder, que era por gentil cortesia, por grande cortesia de nobreza e generosidade, um nobre Alexandre. Mas ele estava tão distante de mim, e eu dele, que não sabia como me consolar. E para que eu me lembrasse dele, ele me deu este livro que representa de alguma maneira o seu amor. Contudo, ainda que eu tenha a sua imagem, não estou menos num país estranho, distanciada do palácio onde vivem os mais nobres amigos desse senhor, que são completamente puros, perfeitos e livres graças aos dons desse rei com quem permanecem (PORETE, 2008, p. 32).

Ou seja, Alma é a própria Marguerite Porete, uma mulher que sabe ler e escrever, tem cultura e consciência da natureza política do estamento social e do grupo ao qual pertence, em plena Idade Média. Entre outras menções na obra, o fragmento supracitado ainda demonstra referências ao amor cortês. Podemos então inferir que as passagens de Alma no texto são condizentes com relatos espirituais experienciados pela própria autora da obra, que reflete tudo o que sentiu nos diálogos, demonstrando como sua escrita é autêntica e fala de si, uma vez que a maneira como as interlocuções são narradas, enviesadas pela memória, certificam que “há a

da Antuérpia), outras vezes seguido apenas por uma intensa reflexão (como em Marguerite Porete). Independente das formas das expressões daquela relação, o fato é que temos um grupo de mulheres na Idade Média que deu voz às suas ideias sobre o divino.

tentativa de registro e recuperação do vivido por meio da escrita – ponto fundamental da atitude autobiográfica (ARAÚJO, 2011, p. 37).

2. Autoria feminina na Idade Média: uma escrita de resistência

O elemento teológico da misoginia, consagrada na Idade Média, tem uma origem bíblica. Nesta narrativa teria havido uma primeira mulher de nome Eva. Ela teria sido não só a primeira mulher a habitar a Terra, mas a primeira criatura a enunciar um discurso que, nas palavras de Régnier-Bohler (1990, p. 519), não deixa de ser “[...] o lamento da humanidade”, quando aconselha Adão a comer o fruto proibido.

Com efeito, o discurso de Eva nasce como um discurso transgressor, ao mesmo tempo que é imprudente, pois ela, em decorrência da sua fala, lança os homens ao mundo de sofrimento. Logo após o discurso de Eva, obtemos uma geração “maldita”, mas isso recai bem mais sobre a mulher: “Obsessão das origens do excesso: a tagarelice secular das mulheres nasceu talvez da «má escuta» de Eva, que não soube resistir às «doces e encobertas» palavras do Diabo, palavras na realidade «enganadoras e venenosas» [...]” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p.555). Neste sentido, as mulheres carregam esse estigma de Eva e, assim, vemos como a leitura de um passado longínquo, neste caso, infelizmente, contribuiu para justificar alguns discursos que veem como desprezíveis as ações de mulheres na sociedade contemporânea.

Conseqüentemente, ainda pela “maldição de Eva”, surge a ideia de que a palavra das mulheres seduz, torna os homens fracos ao acreditarem no que dizem. Sobre isso, Silvia Schwartz aponta que:

A misoginia do mundo cristão, em especial na Idade Média, é algo mais ou menos estabelecido. De maneira geral, religiosos e escritores seculares da Idade Média afirmavam que as mulheres como um todo não só eram deficientes quanto à razão, mas também moralmente fracas e conseqüentemente predispostas ao pecado, especialmente de natureza sensual (SCHWARTZ, 2010, p. 110).

Ainda segundo Schwartz (2010, p. 110), o cristianismo nunca se interessou particularmente pela experiência feminina do divino (uma experiência como aquela narrada pela personagem Alma)¹². Por isso, até quando as mulheres falam de Deus, sob sua própria

¹² Fazendo referências a estudos de ROBERTSON, NEWMAN e BYNUM, , Schwartz (2010, p. 111-112) nos chama atenção para a ideia de uma experiência feminina do divino. Depois de mostrar que masculino e feminino eram contrastados e avaliados de forma assimétrica, nos diz que “Segundo alguns pesquisadores, a espiritualidade feminina da alta Idade Média era definida em termos de seu cristocentrismo, sua afetividade e emocionalidade, sua qualidade visionária-mística, sua corporalidade, particularmente em relação ao ascetismo e seus fenômenos paramísticos”. Logo, uma experiência feminina do divino está relacionada, principalmente, a uma experiência

perspectiva, são julgadas e sentenciadas. Ainda assim, embora o olhar seja modulável e o espaço muito restrito, a palavra não é. A palavra pode ir muito além, pois quando a mulher fala, o pensamento se difunde nas consciências e isso é considerado pelos homens como perigoso. Essa ideia de sedução pode gerar problemas, uma vez que os homens podem cair em tentação, vejamos:

Como um caçador à espera da caça, a mulher espreita. A sua estratégia é hábil, a sua palavra de mel seduz, ela engana, o mal está feito. Eis escapado o segredo. Desde logo, a couraça masculina é frágil: o segredo torna-se palavra pública. Diabolicamente possuída pelo desejo de captar tudo, de tudo armazenar, a mulher revela-se incapaz de gerir o saber conquistado, livra-se dele, divulga-o. A tagarelice inconsiderada da mulher permanece, como assinalam os sociolinguistas de hoje, uma «característica racial», uma particularidade da «raça» das mulheres (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 550).

Tais discursos parecem estar baseados nos limites de quem possui o poder. Mas muitas mulheres na Idade Média desejaram pensar Deus de uma forma diferente da imposta pela instituição igreja. Ou seja, queriam certa liberdade para pensar além dos dogmas estabelecidos e por isso foram perseguidas. Pensadoras medievais como Marguerite Porete falavam, com propriedade, de um conhecimento íntimo de Deus, de uma união entre o humano e o divino que se funde numa só forma e que pode, por isso, abrir mão das hierarquias eclesiásticas e até mesmo das virtudes, constituindo-se, assim, para o poder religioso estabelecido, uma perigosa forma de falar sobre o sagrado (Cf. NOGUEIRA, 2015, p. 96). Entre outras diversas dificuldades, há a de convencer os outros por meio da própria escrita, principalmente em se tratando das beguinias:

Místicas e monjas, e este é um facto importante na história do escrito, fazem apelos às línguas vulgares, o alemão, o francês, o flamengo, o italiano, mas esta expressão – que permite uma comunicação e uma difusão mais amplas, e além disso a reivindicação de um relacionamento sem mediação com o Espírito que vem conceder o seu sopro à «criatura» – maculou com suspeitas algumas destas mulheres, beguinias essencialmente (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 541).

Há um determinado momento em que as escritoras, como Marguerite Porete por exemplo, passam por problemas, uma vez que se veem como mediadoras entre Deus e seus escritos, portanto a Igreja deixa de mediar e perde o controle sobre o que a população irá acreditar dali em diante. Em vista disso, as mulheres que escrevem são constantemente corrigidas e censuradas, porém buscam estratégias para conseguir inserir seus pensamentos em sua época: se não podem falar com palavras, usam seus corpos, então essa ideia desencadeia vários outros preconceitos ligados à corporalidade pela necessidade de expressão das mulheres.

mística e esta, por sua vez, em muitas mulheres, não sendo este o caso de Porete, relaciona-se a muitos fenômenos corporais.

Contudo, na obra analisada percebemos que a autora não faz uso dessas estratégias. “Marguerite não utiliza uma imaginação visionária, dispensa os sofrimentos corporais como caminho de salvação, se atém estritamente ao discurso teológico (...)” (SCHWARTZ, 2010, p. 119), uma vez que “a obra de Porete gira em torno do completo abandono da vontade (...)” (SCHWARTZ, 2010, p.120).

Régnier-Bohler (1990) explica que os escritos dos homens também passavam por um controle social, mas muito diferente do controle dos textos escritos pelas mulheres. Esse controle, feito sobre os escritos masculinos, é múltiplo. Já em relação aos escritos feitos pelas mulheres, o controle não passa por nuances, é a própria censura. Por isso, entre as diversas dificuldades encontradas pelas mulheres está o fato de que muitos dos seus discursos acabavam sendo neutralizados de alguma forma e a autoria feminina perdida. Apesar disso, como falar ou escrever nunca é neutro, a palavra carrega em si todo um aparato crítico e, no caso de Marguerite Porete, um aparato crítico bastante direto, sem subterfúgios. Assim, seja de forma direta como Marguerite Porete ou Christine de Pizan, por exemplo, seja de forma mais velada, como outras mulheres do Medievo, o que vemos são mulheres conscientes de que estão ocupando o lugar do letrado, posto que “[...] algumas mulheres no século, por certo, e fortemente comprometidas, como Cristina de Pizan, mas sobretudo mulheres no espaço do sagrado, palavras de monjas, de beguinhas, de reclusas” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 524), fizeram-se ouvir e compreender.

Como Marguerite Porete, as escritoras na Idade Média, conscientes da situação em que se configuram as mulheres de seu tempo, usam os discursos para denunciar perseguições e se fazerem ouvir a qualquer custo, mesmo que para isso elas precisem ser violentadas triplamente, ao serem caladas, mutiladas e até mortas. Para Araújo (2011, p.34), a escrita de si pressupõe que a vida de alguém só ganha sentido, só se realiza, quando adquire um caráter narrativo. Isso fica evidente nas últimas passagens do texto de Porete, quando ela diz que “Tal Alma professa a sua religião e obedece às suas regras. Qual é a sua regra? É que ela seja reconduzida pela aniquilação ao estado inicial, onde Amor a recebeu. Ela passou no exame de sua provação e venceu a guerra contra todos os poderes” (PORETE, 2008, p. 226). Suas palavras indicam, assim, não só a sua ousadia ao declarar o que pensa sobre o conceito de liberdade, como também a consciência de que vai ser sentenciada à morte por conta do que escreveu, mas não importa, já que o objetivo é alcançar o estado de graça no amor divino, nem que para isso seja preciso resistir e burlar as regras da sociedade da época, o que implica uma sentença mortal. Para Silvia Schwartz (2010), isso sugere uma espécie de consciência política, uma vez que

[...] ela [Marguerite] privilegia o feminino, o vernacular, as qualidades de fé e amor, e o faz se apropriando de papéis masculinos. Talvez possamos de fato entender seu discurso e comportamento como políticos, já que sua voz foi literalmente emudecida por sua condenação e morte na fogueira inquisitorial (SCHWARTZ, 2010, p. 115).

Referimo-nos, inicialmente, ao feminismo e à importância do movimento para a ocupação de mulheres em lugares, por muito tempo, negados a elas, embora, naturalmente, não possamos chamar o movimento das mulheres medievais aqui citadas de um movimento feminista, no sentido contemporâneo do termo. Mesmo assim, tratamos a escrita de Marguerite Porete e de outras escritoras medievais como uma escrita de resistência, uma vez que elas subverteram a ordem naquele momento e transcenderam as expectativas criadas pela sociedade medieval, mas concordamos com Silvia Schwartz, quando ela diz que essas escritoras místicas, dentre elas Marguerite Porete,

[...] ousaram falar a partir de um ponto de vista feminino definido em relação a si mesmo, e não em relação ao masculino. Suas vozes criaram um coro que pode ser visto como uma tradição de resistência, dissonância e, também, de auto-autorização. Evidentemente não estamos tentando afirmar que essas místicas exibiam uma agenda feminista consciente. Por outro lado, também não podemos afirmar que o simbolismo religioso expresso em seus textos fosse totalmente inocente de significado político (SCHWARTZ, 2010, p. 114).

Isso demonstra que, mesmo não existindo ainda um movimento denominado feminista, as escritoras medievais possuíam uma consciência muito forte de que precisavam resistir por elas e por quem viria depois delas, por perceber que o cenário em que estavam inseridas precisava, com urgência, ser revolucionado.

3. O Espelho de Marguerite Porete e a escrita de si

A escrita de si se delineia como um exercício literário da Modernidade, como mostramos na introdução deste artigo. Entretanto, notamos que a necessidade de uma escrita que trata das experiências individuais é comprovada já no século IV e V, por exemplo, através dos escritos de Santo Agostinho, mais precisamente *Confissões*. Nesse sentido, Araújo (2011) aponta que o texto do pensador africano, considerado um dos primeiros, senão o primeiro, referente a uma escrita autobiográfica da história, explora, de maneira incessante, a própria subjetividade como um caminho para chegar a Deus, “na medida em que se conhecer profundamente era entender a verdadeira natureza do homem e, daí, como consequência, uma trilha – necessária – para se aproximar de Deus” (ARAÚJO, 2011, p.12).

Neste sentido, o caminho da introspecção percorrido por Santo Agostinho marcou profundamente a história da escrita de si. Ainda segundo Araújo (2011), essa investigação da própria subjetividade seria um caminho para se conhecer a verdade e conhecer Deus, o que, conseqüentemente, se tornou a concepção central para a cultura moderna que, entretanto, marginalizou Deus, dando mais importância, ao contrário de Agostinho, à ideia do eu ou da subjetividade e, assim, o olhar para si mesmo fez-se revelador, verdadeiro e autêntico, ao ponto de a subjetividade, do ponto de vista filosófico, ter se tornado o marco da filosofia moderna e da própria Modernidade. Isso explica a busca incansável por uma definição do “eu” moderno, explorado por Stuart Hall (2002), que discute o fato de que as velhas identidades, que por tanto tempo consolidaram o mundo em que vivemos, estão agora em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, antes visto como um sujeito unificado.

Mesmo que a escrita enviesada por um teor autobiográfico seja um preceito da modernidade, Schwartz observa que, na obra de Marguerite, “por todo o texto, transparece uma multiplicidade do sujeito que se recusa a falar com a autoridade de um sujeito centralizado e unificado (SCHWARTZ, 2010, p.123). Sendo assim, todas as representações são traçadas por uma subjetividade múltipla e plural que deseja exprimir seus sentimentos de liberdade, através da escrita, utilizando-se de papéis invertidos na ordem secular: mulheres representam o amor e a deidade, a qual querem pertencer e servir. Para tanto, as figuras alegóricas falam e pregam, pois “Marguerite Porete afirma uma modalidade feminina de ser que evade o patriarcado e estabelece uma nova ordem simbólica, na qual masculino e feminino são representados” (SCHWARTZ, 2010, p.123).

É possível dizer, também, que os diálogos da personagem Alma retomam, através da memória, uma escrita de si, quando observamos fragmentos que narram perseguições e atestam caminhos considerados, na época, errados, que supomos, pela sua condenação à morte, terem sido experienciados pela autora do texto, como lemos: “Alma: – Com certeza assim é, dama Amor, diz essa Alma, pois o experimentei por certos testes, e por pouco não morri por isso” (PORETE, 2008, p. 94). Ou, quando a autora evidencia seu momento histórico e há, nesse fragmento, um testemunho evidente:

As Virtudes – Ah, Deus, com efeito!, dizem as Virtudes. Dama Amor, quem nos trará honra já que dizeis que os que vivem totalmente sob nosso conselho perecem? E verdadeiramente, se alguém nos dissesse tal coisa, dizem as Virtudes, nós o consideraríamos um herege¹³ e um mau cristão” (PORETE, 2008, p. 107).

¹³ A tradução brasileira traz uma nota que nos esclarece: “a palavra original utilizada por Marguerite Porete é *bougre*, que, como explica Longechamp, designava originalmente os membros de uma seita maniqueísta originária

E ainda, quando apresenta o caminho que percorreu: “Fui uma vez uma criatura mendicante, que por longo tempo buscou Deus na criatura para ver se o encontraria assim como ela o queria, e assim como Ele mesmo seria [...]” (PORETE, 2008, p. 161). Com efeito, a memória funciona como uma herança dos segredos femininos e Régnier-Bohler (1990) aponta como exemplo disso os momentos em que as mulheres se reuniam para fiar e aproveitavam a oportunidade para compartilhar o que não podia vir a público pela boca de uma mulher: “As fiandeiras entregam-se a uma troca circular, mas elas pretendem prometer a um belo futuro o fio da memória das mulheres: os segredos dirigem-se a sujeitos femininos e serão legados às mulheres que hão-de vir”(RÉGNIER-BOHLER, 1990, p.552). Dessa forma, a memória atua como uma espécie de marca linguística da escrita de autoria feminina na Idade Média. Observamos que essa marca evidencia a formação de um “eu” que fala de si e que se consolida dentro da história, através de suas recordações, uma vez que

[...] a memória é o instrumento que permite a atuação do passado no presente por meio das lembranças. Assim, independentemente da perspectiva coletiva ou individual, a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, como instrumento atuante na reconfiguração das identidades na medida em que permite que o sujeito se apodere de imagens do passado para consolidar uma nova posição identitária (SOUZA, 2014, p. 104).

Essa nova posição identitária, em se tratando da mulher/personagem analisada nesse artigo, configura-se como pautada pela resistência ao que dita o que está estabelecido, utilizando-se da memória para então traçar um caminho que incide em vários momentos com a subjetividade e, conseqüentemente, com o conhecimento de si mesma, posto que, para Souza (2014, p. 109), “Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção”. Neste direcionamento, Porete demonstra ser mais incisiva com as questões do passado, quando afirma, por exemplo: “Eu disse, diz essa Alma, que Amor fez com que ele fosse escrito de acordo com a ciência humana e de acordo com a vontade de transformação de meu entendimento, que me obstruíam, como aparece neste livro” (PORETE, 2010, p. 195). Ou ainda, quando se expressa dizendo: “No passado, meu coração não imaginava poder viver sempre de

da Bulgária, no século X. Depois a palavra foi ligada aos cátaros e aos albigenses e, finalmente, passou a designar os membros da seita conhecida como “Livre Espírito”. Em todos os casos a conotação de herege acompanha a palavra. Porete tenta, portanto, demarcar sua posição contra uma possível confusão” (SCHWARTZ, 2008, nota 8, p. 107).

amor, pelo desejo da boa vontade. Mas agora, essas duas coisas estão mortas em mim, e me fizeram sair da minha infância” (PORETE, 2010, p. 220).

No capítulo *Como a Alma, amante de Deus, vivendo na paz da Caridade, abandona as virtudes*, fica evidente como a personagem analisada faz uso da memória para dizer que estava em busca de um caminho para a libertação, por isso canta:

[...]. Em vós coloquei meu coração por um tempo, sem nada reter;/Sabeis que a vós totalmente me abandonei;/ Fui uma vez vossa serva, mas agora me libertei. / Todo meu coração em vós coloquei, bem o sabeis;/ E assim, por um tempo, em grande aflição vivi./ Graves tormentos sofri, muita dor suportei;/ Assombroso é que com vida escapei; [...] (PORETE, 2008, p.38).

Sendo assim, percebemos que a Alma é constituída de memória, intelecto e vontade, como a própria autora salienta no texto, citando (sem fazer referência) Santo Agostinho e demonstrando seu conhecimento teológico. Segundo Pontes (2016), é por meio da memória que a alma se lembra do que era, quando era quem não era, é por meio do intelecto que ela busca reviver o que relembra através da memória, uma vez que

[...] o Intelecto, que dá a luz, mostra à Alma, por sua própria natureza, aquilo que ela ama; e a Alma recebe a aproximação e a junção pela Luz do Intelecto, e, por meio da concórdia da união no amor fértil, ela recebe o estado para o qual tende e que lhe permite alcançar o descanso e o repouso (PORETE, 2008, p. 57).

Outro fragmento, dessa vez da personagem Amor, evidencia o uso da memória para exprimir os sentimentos de amor da Alma para com Deus:

Essa Alma, diz Amor, tem a memória, o intelecto e a vontade completamente no abismo do ser uno, isto é, em Deus. E tal estado lhe dá o ser, sem que ela saiba, nem sinta, nem queira qualquer estado, exceto somente o disposto por Deus. Essa Alma, diz Amor, em muitos dias, enlanguesceu de amor (PORETE, 2008, p. 93).

Notamos, então, que a personagem Alma é movida pelo desejo (a vontade) de libertar-se para servir somente ao amor de Deus e, para tanto, ela canaliza sua vontade, sua inteligência e sua memória para cair no abismo do esquecimento das coisas sensíveis, que dizem respeito a ela própria, numa mística de si onde nada saber, nada querer e nada ter constituem o verdadeiro eu. Isso para ela é viver a sua verdade. No último fragmento exposto nesse artigo, o desabafo da autora comprova, através das marcas linguísticas da memória, que a Alma é, realmente, a autora do livro e que experienciou sentimentos profundos para, de forma poética e filosófica, demonstrar como as questões do passado influenciaram na escrita do livro:

E, contudo, **diz essa Alma que escreveu esse livro**, eu era tão tola no tempo em que o escrevi, ou melhor, no tempo em que o Amor o fez por mim e a meu pedido, que **me aventurei** em algo que não se pode fazer, nem pensar, nem dizer, não mais do que aquele que quisesse encerrar o mar em seu olho, ou carregar o mundo na ponta de um junco, ou iluminar o sol com uma lanterna ou com uma tocha. **Eu era** mais tola do que seria quem quisesse fazer isso, quando dei valor a algo que não se pode dizer/ e **quando me encarreguei de escrever essas palavras**. / Mas assim tomei meu curso,/ **para vir em meu socorro**,/ para obter a coroa/ do estado do qual falamos/ que está na perfeição,/ quando a Alma permanece no puro nada e sem pensamento, e não antes disso (PORETE, 2010, p. 163, grifos nossos).

Observamos, nesse trecho, além das analogias desenvolvidas poeticamente, e da forte influência da linguagem apofática, o papel que a escrita possuía na vida da personagem, quando ela afirma *Mas assim tomei meu curso/para vir em meu socorro*, que necessita escrever, pois a escrita, de certa forma, parece ter um papel salvífico para as mulheres. No caso de Marguerite, não a salvou da morte do corpo, mas a salvou de uma vida de opressão, em que a maioria das mulheres não tinha autorização para falar em público, sobretudo para pregar ou ensinar. Deste modo, a escrita salvou, também, as suas ideias e, neste sentido, a salvou do esquecimento, nos permitindo aqui recuperar o seu pensamento e a sua narrativa, já que não falamos por ela, mas lhe damos a fala através da sua escrita.

A retrospectiva, presente em *Espelho das almas simples e aniquiladas*, demonstra como a personagem-autora aprende a encarar o presente, a partir das lembranças que constituíram sua identidade no passado. Afinal, para Souza,

A memória, então, traz para o momento presente as experiências passadas, gerando a sensação ilusória de que é possível reavivar o que passou, tornando o passado uma presença acessível. Essa é a impressão transmitida pela lembrança e, a partir disso, a memória atua como fonte de referentes identitários [...] (SOUZA, 2014, p. 104).

Dessa forma, Marguerite Porete, através da memória, cria uma narrativa em que fala de um “eu” consciente do seu passado, preocupado com o seu presente (e crítica dele), ao escrever se projetando no futuro. Sendo assim, a escrita desenvolvida a partir da memória parte de referentes identitários constituídos ao longo do tempo, em que a autora se propõe a vivenciar experiências e pôr em palavras seus anseios, através de seus conhecimentos e de suas lembranças, sustentando o que aponta Stuart Hall (2002) ao inferir que o sujeito assume determinadas identidades ao longo do tempo. Consideramos, por fim, que a escrita de si se desencadeia na obra de Porete tendo a memória como elemento fundamental para a construção de um “eu” que conhece a si mesmo e, conhecendo a si mesmo e as suas vontades, pode estar

próximo de Deus (e dos outros), para então transmitir aos demais, através de sua escrita, portanto, de suas ideias, o caminho para o aniquilamento que, dentre outras coisas, significa a substituição de um eu egóico por um eu aniquilado, ou seja, capaz de se doar por inteiro, e sem esperar nada em troca.

Considerações finais

A memória funciona em Marguerite como um instrumento que comprova um autoconhecimento e uma autoavaliação. O caminho que a autora percorre, ao deixar pistas que revelam experiências subjetivas, é trilhado para conhecer e chegar a Deus, sentindo as coisas do mundo com uma profunda intensidade.

Apesar do que disse a Igreja, por extenso período, sobre o que as mulheres podiam ou não fazer, temos aqui um claro exemplo de uma “filha de Eva”, amaldiçoada pela sua “má escuta”, que transgrediu todas as questões que podiam lhe limitar. Vemos aqui uma escrita que resiste e existe para mostrar que nenhuma fogueira poderá calar a voz feminina. Apesar do que pensaram muitos homens, ao tentar destruir os escritos de uma época, os fios da memória feminina ecoaram em forma de empoderamento como narrativa de si.

Por fim, constatamos que a obra analisada é fundamental para a reflexão de uma relação humano-divino, como também comprovamos que a escrita subjetiva em Marguerite se dá através das marcas da memória presentes em seu texto. Os escritos ainda demonstram uma consciência muito forte do papel da autora na época vivida, não só em experienciar o Divino, como em contribuir grandemente para que outros também pudessem passar pela experiência do aniquilamento, que não podia ocorrer dentro de um pensamento nos moldes da Igreja na Idade Média.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. S. *Uma voz feminina calada pela inquisição*. A religiosidade no final da idade média, as beguinhas e Margarida Porete. São Paulo: Hagnos, 2011.

ARAÚJO, P. G. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura brasileira contemporânea*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

BENEITO, P. (Ed.). *Mujeres de luz: la mística femenina, lo femenino en la mística*. Madrid: Trotta, 2001.

CIRLOT, V. e GARÍ, B. *La mirada interior: escritoras místicas y visionarias em La edad media*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1999.

ÉPINEY-BURGARD, G. e BRUNN, Émile Zum. *Mujeres trovadoras de Dios – Uma tradição silenciada de la Europa medieval*. Trad. de A. López e M. Tabuyo. Barcelona: Paidós, 2007.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

GOMES, Â. de C. (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LIBERA, A. de. *Archéologie du sujet*. Paris: Vrin, 2007 (Volume I: *Naissance du sujet*).

MCGINN, B. *O florescimento da mística: homens e mulheres da nova mística (1200- 1350)*. Tradução: Pe. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2017 (Tomo III. A presença de Deus: uma história da mística ocidental).

MICHELAZZO, J. C. Mística, Heresia e Metafísica. In: F. TEIXEIRA (Org.), *Caminhos da Mística*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 261-279.

NOGUEIRA, M. S. M. Mística Feminina – Escrita e Transgressão. *Revista Graphos*, João Pessoa, vol. 17, n° 2, Jul., 2015, p. 91-102.

NOGUEIRA, M. S. M. A filosofia de Simone Weil: uma mística da ação e da contemplação. *Revista Sísifo*, Feira de Santana, v. 1, n. 6, 2017, p. 1-11.

NOGUEIRA, M. S. M. Aniquilamento e descrição: uma aproximação entre Marguerite Porete e Simone Weil. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, n. 4, 2019, p. 193-216, Edição Especial.

PONTES, A. O. S. *Amar a Deus e amar a si: Imagens no espelho da experiência mística em Marguerite Porete*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PORETE, M. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Sílvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PORETE, M. *Le mirouer des simples ames*. GUARNIERI, R. y VERDEYEN, P. (Eds.). Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis LXIX, Brepols: Turnhout, 1996.

RÉGNIER-BOHLER, D. Vozes literárias, vozes místicas. In: DUBY, G e PERROT, M. (Dir.). *História das Mulheres no Ocidente*. A Idade Média Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 516-589.

RUH, K. *Storia della mistica occidentale: mistica femminile e mistica francescana delle origini*. Traduzione di Giuliana Cavallo-Guzzo e Cesare de Marchi. Milano: Vita e Pensiero, 2002.

SCHWARTZ, S. Marguerite Porete: Mística, Apofatismo e Tradição de Resistência. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, vol. 6, n° 2, Set., 2010, p.109-126.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. *Revista Graphos*. João Pessoa, vol. 16, n° 1, Jun., 2014, p. 91-116.

TROCH, Lieve. “Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais.” In: *Revista Graphos*. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 15, no.1, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>. Acesso em 5 de junho de 2015.